



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS: IX
CURSO DE PEDAGOGIA

ELIETE DE OLIVEIRA SIQUEIRA
JANIE DOS SANTOS COIMBRA SAMPAIO

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A importância do afeto no
processo de ensino-aprendizagem.

BARREIRAS- BA

2021

**ELIETE DE OLIVEIRA SIQUEIRA
JANIE DOS SANTOS COIMBRA SAMPAIO**

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A importância do afeto no
processo de ensino-aprendizagem.**

Trabalho monográfico apresentado a Universidade do Estado da Bahia- UNEB - Departamento de Ciências Humanas – campus IX, como requisito parcial de avaliação do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de título de graduação do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Ma. Aline Teixeira

BARREIRAS- BA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA Sistema de Bibliotecas da UNEB

S618a

Siqueira, Eliete de Oliveira

Afetividade na educação infantil: A importância do afeto no processo de ensino-aprendizagem / Eliete de Oliveira Siqueira, Janie dos Santos Coimbra Sampaio. - Barreiras, 2021.

45 fls.

Orientador(a): Aline Teixeira de Matos.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus IX. 2021.

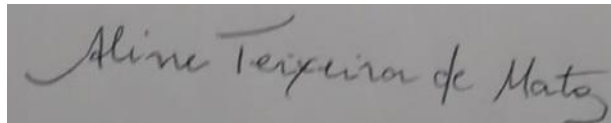
1.Afetividade. 2.Educação infantil. 3.Ensino-Aprendizagem.
4.Pedagogia infantil.

CDD: 371

**ELIETE DE OLIVEIRA SIQUEIRA
JANIE DOS SANTOS COIMBRA SAMPAIO**

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A importância do afeto no
processo de ensino-aprendizagem.**

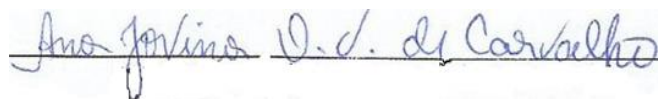
**Monografia avaliada e apresentada em 14 /06 / 2021 pela comissão formada
pelos seguintes professores:**



**Profª Ma. Aline Teixeira de Matos (Orientadora)
Universidade do Estado da Bahia – UNEB**



**Profª Ma. Emília Karla de Araujo Amaral
Universidade do Estado da Bahia – UNEB**



**Profª Ma. Ana Jovina Oliveira Vieira de Carvalho
Universidade do Estado da Bahia – UNEB**

Dedicamos esta conquista a todos
aqueles que acreditam no poder da
educação e do afeto.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecemos a Deus pelos objetivos alcançados.

Aos nossos familiares, por sempre nos incentivar nos estudos e na trajetória para a formação profissional, em especial aos nossos filhos pela compressão dos momentos em que estivemos ausentes dedicados aos estudos.

Aos nossos colegas da turma de 2015.1 vespertino, pelos momentos compartilhados durante todos esses anos de curso. Em especial aos colegas Felipe Marinho e Jonathas Campos pela amizade, parceria e companheirismo.

À professora Aline Teixeira pelos ensinamentos, paciência, compreensão e dedicação durante a nossa formação e especialmente, no período da construção desta pesquisa.

À professora Emília Karla pelos ensinamentos e pela disponibilidade em avaliar este trabalho.

Ao professor Darton Vicente pelos ensinamentos essenciais para a estruturação desta pesquisa.

Aos demais professores do curso de pedagogia que contribuíram de forma significativa e se empenharam para a construção do nosso conhecimento e para nossa formação acadêmica.

Ao professor Itarajú (in memoriam) pelos diversos conselhos e ensinamentos que jamais serão esquecidos.

À secretária do colegiado de pedagogia Ângela, por todo o apoio, disponibilidade, carinho e prestatividade.

O nosso muito obrigada!

“Toda experiência de aprendizagem se
inicia com uma experiência afetiva”.

(RUBEM ALVES)

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a afetividade, a partir de estudos sobre o tema realizados no período de 2019 a 2021, buscando investigar para compreender qual a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem de crianças da educação infantil. Nesse sentido, trabalhamos com os seguintes objetivos específicos: compreender a afetividade na educação infantil; explicar a importância da afetividade na relação professor/aluno e caracterizar as manifestações afetivas da educação infantil que interferem no processo ensino-aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica que utilizou alguns referenciais teóricos, dentre eles podemos citar Piaget e Wallon. Este estudo é importante na medida em que consegue identificar aspectos para compreender a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: afetividade; aprendizagem; educação infantil.

ABSTRACT

The present work presents a reflection on affectivity, from studies on the theme carried out from 2019 to 2021, we seek to investigate to understand the importance of affectivity in the teaching-learning process of children in early childhood education. In this sense, we work with the following specific objectives: to understand affectivity in early childhood education; explain the importance of affectivity in the teacher / student relationship and characterize the affective manifestations of early childhood education that interfere in the teaching-learning process. This is a qualitative research of bibliographical you used some theoretical references; among them we can mention Piaget and Wallon. This study is important to the extent that it manages to identify aspects to understand the importance of affectivity in the teaching-learning process.

Keywords: affectivity; learning; child education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

DCH- Departamento de Ciências Humana

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB- Lei de Diretrizes e Base

ONG- Organização Não Governamental

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO I - REVISÃO DA LITERATURA	13
1.1. A formação dos professores de pedagogia e a educação infantil	13
1.2. A afetividade no processo de ensino-aprendizagem.....	17
1.3. O afeto e a educação infantil.....	23
1.4. A afetividade na sala de aula	26
1.5. O ambiente familiar e escolar: implicações afetivas.....	28
2. CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	32
2.1. Pesquisa de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica.....	32
2.2. O contexto da pesquisa: alguns estudos sobre a afetividade.....	33
2.3. Procedimentos da investigação bibliográfica.....	34
2.4. Como os dados foram organizados.....	34
3. CAPÍTULO III - ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	35
3.1. A afetividade na educação infantil	35
3.2. A relevância da afetividade na relação professor/aluno	37
3.3. As manifestações afetivas dos alunos da educação infantil e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

A escola carrega uma grande responsabilidade para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do sujeito, e desde a educação infantil, já está regulamentada leis para uma educação integral, de um desenvolvimento pleno. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) documento normativo da educação básica, explicita de forma clara as competências e habilidades que trabalham questões cognitivas e socioemocionais.

Na competência oito da BNCC estabelece: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BRASIL, 2018). A essa competência rege a responsabilidade de desenvolver a autoconfiança, a autoestima, reconhecendo seus pontos fortes e fragilidades, o equilíbrio emocional, além de cuidados com a saúde e o desenvolvimento físico e também da afetividade.

Neste sentido, é de fundamental importância abordar a questão da afetividade para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças na educação infantil. A temática da afetividade é referenciada por renomados estudiosos na área da educação e da psicologia.

Para Wallon (1989), a cognição está alicerçada em quatro categorias de atividades cognitivas específicas, conhecido como campos funcionais, que são: o movimento, a afetividade, a inteligência e a pessoa. Tendo a afetividade um papel importantíssimo no ato do aprender. A competência do ensino e aprendizagem escolar na Educação Infantil é de responsabilidade do Pedagogo, no entanto, a criança deve ser compreendida no seu aspecto cognitivo e também no emocional. Sabendo disso, é importante investigar a relação da afetividade para o desenvolvimento cognitivo.

Desse modo, o presente estudo foi desenvolvido com base na temática: A afetividade e a sua importância no processo ensino-aprendizagem de crianças da educação infantil (que corresponde a faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses). A partir de uma experiência de estágio em espaços não formais, oferecido pela Universidade do Estado da Bahia- *Campus IX*, em uma ONG, que abriga crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, localizada na cidade de Barreiras-BA. O convívio com as crianças no decorrer desse estágio possibilitou vivenciar experiências positivas, após notar que as crianças ficavam mais motivadas a fazerem as atividades propostas

em momentos em que a construção da afetividade se fazia presente. Diante disso, estabelecemos as razões que justificam a escolha do tema.

Sabemos que o ser humano se desenvolve nas dimensões físicas, cognitivas e emocionais, e neste sentido, as questões escolares com as quais o Pedagogo se envolve e se preocupa parecem estar mais direcionada aos aspectos cognitivos, porém, o emocional deve ser cuidado para que aconteça o progresso na aprendizagem. Pensando nisso, foi problematizada a questão da afetividade da seguinte maneira: “Qual a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem de crianças da educação infantil?”.

Deste modo, o objetivo geral foi em compreender a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem de crianças da educação infantil. Sendo assim, o desdobramento dessa questão maior se deu nos seguintes objetivos específicos: compreender a afetividade na educação infantil; explicar a importância da afetividade na relação professor/aluno e caracterizar as manifestações afetivas da educação infantil que interferem no processo ensino-aprendizagem.

A partir dos estudos realizados, organizamos o trabalho da seguinte maneira: O primeiro capítulo apresenta a sua fundamentação teórica, discorrendo sobre a formação dos professores de Pedagogia, a educação infantil, a afetividade no ambiente escolar e familiar, as manifestações de afeto e qual é a importância desse afeto na visão de alguns teóricos, como Piaget e Wallon.

O segundo capítulo apresenta a abordagem da pesquisa da metodologia utilizada para a realização desse trabalho de conclusão de curso: a qualitativa do tipo bibliográfica.

O terceiro capítulo refere-se à análise e apresentação dos dados, construídos a partir das concepções teóricas referenciadas.

O desenvolvimento deste trabalho é de grande importância para a formação em Pedagogia, pois foi possível ampliar a compreensão sobre o modo como a afetividade implica nos processos de ensino-aprendizagem de crianças, além de esclarecer o importante papel social e afetivo do professor. Por fim, este estudo trouxe contribuições significativas no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem.

1. CAPÍTULO I - REVISÃO DA LITERATURA

1.1. A formação dos professores de pedagogia e a educação infantil

Antes de tratar de questões específicas na relação professor x aluno, do que é o afeto e qual importância dele para desenvolvimento da aprendizagem, falaremos sobre quem é o pedagogo e o que é a Educação Infantil, pois o profissional que atua na docência da Educação Infantil, necessita ter formação em Pedagogia. Sobre a formação acadêmica do pedagogo e suas atribuições Libâneo (2004, p.2) aborda que:

A Pedagogia é um campo de conhecimento teórico e de práticas que integra e sistematiza diferentes conhecimentos e processos de outros campos científicos visando dar unidade à investigação e às ações em relação ao seu objeto, a prática educativa. Como teoria e prática, a Pedagogia formula objetivos e propõe formas organizativas e metodológicas de viabilização da educação humana. A questão central da Pedagogia é a formação humana mediante a qual os indivíduos adquirem aquelas características humanas necessárias para a vida em sociedade, considerando uma realidade sempre em mudança. Mas trata-se da formação humana de sujeitos concretos, com suas condições físicas, emocionais, intelectuais, sociais, culturais, vivendo num determinado contexto sócio-cultural hoje visto na relação entre o global e o local, entre o homogêneo e o diverso, entre o individual e o comunitário. É para esse mundo que a Pedagogia precisa dar sua contribuição para a formação das pessoas. Decorre daí o desafio social da Pedagogia que consiste em saber como ajudar os indivíduos a agir num mundo em mudança.

No entanto, a formação em Pedagogia capacita o profissional que atuará como professor, e assim poderá ajudar o aluno de modo geral, na construção social e intelectual do sujeito, dando-lhe suporte teórico e práticas essenciais para construção do conhecimento. Tendo ainda o pedagogo que acompanhar as transformações e inovações sociais de cada época, seja qual for a situação econômica, social, cultural e política do povo. E para acompanhar essas transformações na sociedade, o pedagogo deve estar disposto a cada vez mais se dedicar aos estudos. Para Lott (2012, p.10):

Um dos desafios é nos colocarmos na posição de um eterno aprendiz. A formação do profissional, hoje em dia, deve ser contínua. Além de buscar atualização e especialização na área, em cursos livres e educação formal, o educador deve ser capaz de traçar um plano de desenvolvimento pessoal em que ele próprio seja o administrador do seu processo de aprendizagem, buscando aprofundar o conhecimento desejado. Essa postura de eterno aprendiz traz reflexos de grande impacto na sua prática pedagógica, pois ampliará sua competência para lecionar e repercutirá na relação com seus alunos.

Desse modo, é grande responsabilidade do pedagogo que se aperfeiçoe para que tenha cada vez mais aprofundamento de conhecimento, contribuindo assim, para um ensino de qualidade.

A Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, atenta para as competências de um professor quando ressalta em seu artigo 13:

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de: I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; III – zelar pela aprendizagem dos alunos; IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional; VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Muitas são as responsabilidades de um pedagogo que atua como professor. Ele é um articulador no processo de ensino aprendizagem, auxiliando o aluno em seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional e ainda é responsável em desenvolver atividades de articulação entre família e escola.

“Educar não é apenas ensinar, mas criar situações de aprendizagem nas quais todos os aprendentes possam despertar, mediante sua própria experiência do conhecimento, para a sua dignidade de sujeito do seu futuro” (ASSMANN, 1996, p.22). No entanto, é preciso que o ambiente escolar seja propício a experiências e que através dessas experiências, se desenvolva aprendizagem, permitindo aos alunos a oportunidade de desenvolvimento de competências e habilidades que são de responsabilidade da escola. A escola precisa ouvir seus alunos, dar voz a cada um, na busca de um saber coletivo, construído através das vivências, das experiências, das descobertas, incentivando-os a construir saber e fortalecendo vínculos, promovendo satisfação mediante o processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, a criança como qualquer outro ser humano necessita ser inteiramente amada, respeitada e valorizada, e é durante o processo de ensino que podem influenciar em comportamentos que transmita sentimentos e emoções, e nesta afetividade observará uma grande chance do crescimento pessoal (FRUHLING, et al. 2016).

Uma pedagogia mais humana é aquela que pensa no aluno como ser humano, que aprende, que tem sentimentos, que necessita de ajuda no desenvolvimento de suas emoções, principalmente na etapa da Educação Infantil. São crianças pequenas

que se encontram no mundo com um turbilhão de informações e misturas de sentimentos, que precisam de orientações para tentar compreender esses sentimentos.

A Educação Infantil já passou por um viés bem diferente do cenário atual. A criança não tinha seu espaço e nem sua valorização, até mesmo a forma de se relacionar com os adultos era diferente, poucas demonstrações de afeto. Não existia escola para as crianças pequenas e nem Pedagogos. A respeito Didonet (2001) discorre:

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche (p.13).

A Educação Infantil foi consolidada logo após a Revolução Industrial, quando se deu o surgimento das primeiras creches; as mães precisavam sair para trabalhar e desta forma surgiu como sendo uma instituição de assistencialismo, com um objetivo inicial e principal de suprir as necessidades básicas que deveriam ser foco da família (DOURADO, 2012).

Hoje, depois de muito tempo, com papéis definidos, o pedagogo tem a sua importância no espaço escolar e na sociedade. Neste sentido, para que alguns processos importantes aconteçam na etapa da Educação Infantil de maneira que a criança se desenvolva e aprenda, o Pedagogo precisa estar em consonância com esses processos:

Além da dimensão afetiva e relacional do cuidado, é preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Assim, cuidar da criança é, sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma. (BRASIL vol 1, p. 24 e 25).

Na busca de promover momentos de interação e articulação de saberes, se encontra o pedagogo, possibilitando a criança que crie vínculos com os meios sociais, culturais, e relacione em diferentes contextos, oportunizando os mais variados conhecimentos.

A importância no progresso em relação a aprendizagem durante a primeira infância também depende das atividades diárias que são desenvolvidas pelo pedagogo, de acordo os campos de experiências, deverá desenvolver habilidades para cada fase do desenvolvimento, atentando-se também para as necessidades específicas de cada aluno. De acordo com a LDB nº 9.394, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 em sua seção II, nessa primeira etapa da educação básica é primordial que os educadores proporcionem atividades que desenvolvam os aspectos cognitivo, afetivo, psicomotor e social das crianças. Com o objetivo de desenvolver na criança autonomia, autocontrole e confiança, ressalta Vygotsky (1989):

As potencialidades do indivíduo devem ser levadas em conta durante o processo de ensino-aprendizagem. Isto porque, a partir do contato com uma pessoa mais experiente, as potencialidades do aprendiz são transformadas em situações que ativam nele esquemas processuais cognitivos ou comportamentais, ou de que este convívio produza no indivíduo novas potencialidades, num processo dialético contínuo. (p.17).

Várias são as situações criadas pelos pedagogos em sala de aula, situações que são fundamentais para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, não somente isso, mas também para o desenvolvimento da consciência crítica da criança e também da autonomia.

É uma responsabilidade muito grande cuidar e ensinar crianças tão pequenas, numa fase que necessita de uma dedicação maior, com o intuito de abranger no aluno o campo cognitivo e também o conhecimento de mundo, um desenvolvimento integral, mediado pelo afeto. Nesse contexto, os PCN's (1998) dizem:

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio, e isto porque, através das interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios. (p. 21).

É nesse esforço de tentar compreender o mundo que o pedagogo se faz presente em sala de aula, uma ajuda necessária, importante e indispensável no desenvolvimento das crianças. A educação infantil é uma etapa importantíssima para os seres humanos, uma etapa que exige dedicação, esforço e comprometimento da parte de quem media esse momento, e o pedagogo assume esse papel, desempenhando a função com êxito e responsabilidade.

1.2. A afetividade no processo ensino-aprendizagem

Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a palavra “afetividade” significa “conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos”. No entanto, é preciso vivenciar, experimentar a afetividade para compreendê-la. A afetividade no processo de ensino-aprendizagem tem se tornado um elemento bastante discutido na contemporaneidade dentro das instituições de ensino e principalmente na área da psicologia. Será que podemos dizer que a cognição e afetividade são fatores indissociáveis ou dissociáveis dentro do processo ensino-aprendizagem?

Alguns teóricos defenderam a teoria da razão se sobressair na emoção, e chegaram a tratá-la como dualidade, ou como algo distinto. Segundo Mário Sergio, (2004, p.614): “Os empiristas “cuidaram” da razão e os inatistas da emoção” (...).

Acredita-se que ainda na era moderna algumas dessas teorias ainda se faça presente dentro das instituições de ensino, que tratam esses fatores como se fossem duas partes distintas dentro deste processo. Segundo Vasconcelos, (2004, p.617):

É comum, ainda hoje, no âmbito escolar, o uso de uma concepção teórica que leva os educadores a dividirem a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva. Esse dualismo é um dos maiores mitos presentes na maioria das propostas educacionais da atualidade. A crença nessa oposição faz com que se considere o pensamento calculista, frio e desprovido de sentimentos, apropriado para a instrução das matérias escolares clássicas. Acredita-se que apenas o pensamento leve o sujeito a atitudes racionais e inteligentes, cujo expoente máximo é o pensamento científico e lógico-matemático. Já os sentimentos, vistos como “coisas do coração”, não levam a conhecimento e podem provocar atitudes irracionais (...)

No entanto, podemos dizer que o motivo para que tal concepção seja tão presente nos dias de hoje, é o fato de se valorizar a “razão”, essa concepção empírica que sempre se valoriza o concreto, o exato, enaltecendo sempre a “razão” como promoção da inteligência e do indivíduo pode até formar sujeitos de sucesso, porém, com o subjetivo fragilizado, ou até mesmo pessoas inseguras sentimentalmente.

Já em relação aos sentimentos, podemos por assim dizer que é vista como algo que conduz o sujeito ao fracasso e a tomar atitudes incoerentes ou inadequadas, popularmente falando errada, que não irá levá-las a nenhum objetivo plausível ou tangível.

Até hoje é muito do senso comum se falar “pense com a razão e aja com o coração”. No entanto, é necessário trabalhar essas concepções de maneiras

indissociáveis, pois enquanto se trabalha as emoções afetivas podemos trabalhar também a razão, para que assim forme esse sujeito na sua subjetividade, e para que se viva em sociedade de maneira humanizada dentro da mesma.

A Psicologia da Educação estuda os processos mentais que levam a criança ao aprendizado, não somente no plano cognitivo, mas nos aspectos orgânicos corporais, afetivos e emocionais. E o pedagogo, por sua vez, identifica as potencialidades dos alunos e auxilia no desenvolvimento.

Jean Piaget é um grande contribuinte na compreensão do processo da aprendizagem de adultos e crianças. Com os estudos de Piaget, foi possível constatar como adquirimos o conhecimento e as etapas que passamos até atingir o conhecimento pleno. Sobre o desenvolvimento mental, o autor destaca estruturas variáveis e formas de organização da atividade mental perpassando seis estágios, são eles:

1° O estágio dos reflexos ou mecanismos hereditários, assim como também das primeiras tendências instintivas (nutrições) das primeiras emoções. 2° O estágio dos primeiros hábitos motores e das primeiras percepções organizadas, como também dos primeiros sentimentos diferenciados. 3° O estágio da inteligência senso-motora [...] das regulações afetivas elementares e das primeiras fixações exteriores da afetividade [...]. 4° O estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto (de dois a sete anos, ou segunda parte da primeira infância). 5° O estágio das operações intelectuais concretas [...]. 6° O estágio das operações intelectuais abstratas [...]. (PIAGET, 1999, P. 15).

Nota-se que a fase que corresponde à idade escolar na Educação Infantil presente ao estágio 4°, fase em que está estritamente ligada ao desenvolvimento afetivo da criança e das relações sociais. Freire (1999, p. 15) destaca que cada estágio se constitui pelas as estruturas que definem, ocorrendo uma evolução mental.

No âmbito da educação, esse autor é uma grande referência para os pedagogos, pois foi através dos seus estudos que revolucionou o olhar do pedagogo para a aprendizagem das crianças, levando em consideração a assimilação e acomodação para organização do pensamento e aprendizagem.

Para Piaget, os esquemas de assimilação apresentam duas facetas: uma intelectual e outra afetiva e que elas são indissociáveis, apresentam naturezas distintas, porém, a afetividade e a cognição são inseparáveis e indissociáveis. Para Battro (1976, p.336):

Nos processos afetivos, tal como Piaget os entende, intervêm tantos os sentimentos e emoções como as tendências e valores [...]. Em geral reserva para a afetividade a propriedade de construir a energética da ação, enquanto

que sua estrutura corresponde à inteligência; ambos os aspectos são solidários.

Para Piaget, a afetividade tem um papel funcional na inteligência. É uma fonte de energia que a cognição usa para funcionar, aonde há uma energia que direciona o interesse e há uma ação cognitiva que organiza a mente, atribuindo relação entre afetividade e cognição.

Segundo Barbosa (2001, p.336):

Piaget ressalta, muito embora não fosse seu objeto de pesquisa, que a vinculação afetiva com o objeto a ser aprendido é um elemento importantíssimo para que o desenvolvimento aconteça. Coloca a afetividade como o aspecto energético que possibilita a mobilidade necessária para que a construção das estruturas possa efetivar.

No entanto, é preciso ter relação entre afeto e aprendizagem para o desenvolvimento. A afetividade é para Piaget, uma energia motivadora para o aprimoramento e desenvolvimento da inteligência, que se gera conhecimento. Piaget (1971, p. 271), “a vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes”. Tudo o que for explorado tem relação entre o campo afetivo e o cognitivo.

Ainda para Piaget (1994, p. 129):

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é condição necessária para a constituição da inteligência.

De acordo o pensamento de Piaget, a criança deve estar bem afetivamente, para que o processo de ensino-aprendizagem seja concretizado. A afetividade não é só uma demonstração de carinho na relação de troca com a criança, vai muito além disso, está no ajudar o aluno, respeitá-lo, compreendê-lo e, dessa maneira, se sentirá segura no ambiente escolar e no meio social em que está inserido.

Wallon (2010), seguindo a mesma linha de raciocínio de Piaget, posiciona-se dizendo:

É possível pensar a afetividade como um processo amplo que envolve a pessoa na sua totalidade. Na constituição da estrutura afetiva, contribuem de forma significativa as diferentes modalidades de descarga de tónus, as relações interpessoais, e a afirmação de si mesmo, possibilitada pelas atividades de relação. (p. 14).

Envolver o sujeito em sua totalidade, relacionando e aplicando nessa relação à afetividade, contribuirá de forma positiva no seu desenvolvimento e desempenho, e o professor carrega essa responsabilidade no ambiente escolar. Estimular a socialização na sala de aula é um fator importante, pois a sala de aula é um ambiente no qual o aluno e o professor têm experiências de interação, de troca de conhecimentos, de valores e agrega muito na construção do conhecimento. A criança tem a escola como segundo espaço de socialização, e a família o primeiro espaço.

Sobre a vida afetiva, Piaget (1999, p. 36) destaca que:

As transformações da ação provenientes do início da socialização não têm importância apenas para a inteligência e para o pensamento, mas repercutem também profundamente na vida afetiva, existe um estreito paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e o das funções intelectuais, já que estes são dois aspectos indissociáveis de cada ação. Em toda conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto que as técnicas e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo.

No entanto, a socialização é importante para o desenvolvimento intelectual e também emocional, já que a afetividade está ligada as funções intelectuais e estão relacionadas. Piaget (1999, p. 36) “Nunca há ação puramente intelectual [...] assim como não há atos que sejam puramente afetivos (o amor supõe a compreensão). Sempre e em todo lugar, nas condutas relacionadas, os dois elementos intervêm”. Estão interligadas, a inteligência e a afetividade.

As questões afetivas devem ser construídas e serem bem construídas, para que o processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil se direcione sem desfoque numa educação em que as competências e habilidades previstas para essa fase sejam consolidadas e o sujeito aprendiz possa de fato desenvolver os seis direitos previsto que lhe são assegurados: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Em todos esses direitos, podemos envolver o afeto e ajudar a criança a compreender-se e assim, ajudá-la nessa fase que é tão importante para sujeito.

É importante ressaltar que a afetividade não está presente apenas nas demonstrações de carinho interpessoal, mas também se faz presente no ensino, quando, por exemplo, o professor ajuda o aluno a compreender sobre alguma área de sua vida e ajuda a lidar com suas emoções e decisões.

Para melhor compreendermos como a Afetividade está ligada ao processo de desenvolvimento da criança, acrescentamos as contribuições do filósofo, médico e

psicólogo Henri Wallon, que estuda o desenvolvimento da criança de forma integral, ou seja, na forma cognitiva, afetiva, motora e social interligadas nesse processo.

Para Wallon (apud BOATO, 2006, p. 89):

Existe unidade entre o ser orgânico e o psíquico. Não são duas entidades a estudar separadamente para depois coloca-las de acordo. Expressam – se simultaneamente, em todos os níveis de desenvolvimento, por ações e reações do sujeito e do meio, um em relação ao outro.

Wallon determina estágios de desenvolvimento da criança, podemos perceber que para que a criança se desenvolva de maneira integral, esses estágios estão interligados desde o seu nascimento, vale destacar o Estágio Impulsivo - Emocional, que segundo BOATO, (2006, p. 90) “desde o nascimento, o ser é essencialmente social, pois não conseguiu viver sozinho, sendo que, nesse momento, ele fica na total dependência do outro, não sobrevivendo senão graças a sua intercessão”.

Entende-se se então, que desde o seu nascimento a criança para garantir sua sobrevivência expressa suas necessidades biológicas por meio dos seus sentimentos e expressões corporais. Através das expressões desses sentimentos, como o choro, ou agitação dos membros, a criança mobiliza o afeto e atenção do seu responsável como o objetivo de que o mesmo compreenda e atenda suas necessidades. Podemos por assim dizer que o indivíduo se desenvolve na interdependência dos fatores biológicos, emocionais e sociais. Vale ressaltar que esse período se refere ao primeiro ano de vida do indivíduo, no qual suas funcionalidades são indiferenciadas e imaturas, determinando seus comportamentos de acordo com suas funções fisiológicas, ou seja, suas expressões emocionais. Nesse período tornam-se uma linguagem social, que serve para expressar suas necessidades.

Para tanto, seguimos com o objetivo de entendermos melhor como a afetividade está ligada ao processo de conhecimento da criança. Após o terceiro mês de vida, BOATO (2006):

A partir dos 3 meses de idade começa – se a estabelecer ligações entre os desejos e as circunstâncias exteriores e o reflexo condicionado se torna possível. A criança, agora no Período Emocional, adquire uma gama de formas para traduzir suas emoções, graças ao amadurecimento das estruturas mesoencefálicas do sistema extrapiramidal. Nessa fase as expressões e manifestações motoras já se traduzirão em gestos carregados de significados como a alegria, tristeza, expectativa, surpresa {...} A emoção, no entanto, ainda é a verdadeira e quase única detonadora da ação, ou seja, uma linguagem afetiva que, por diferente que seja da linguagem que se estabelecerá posteriormente, caminha em sua direção e sustenta a aprendizagem (p.90).

Conforme a criança vai amadurecendo seu sistema nervoso, suas emoções, expressões, e suas atividades motoras como levantar os braços, ou tentar dar os primeiros passos já possuem um significado como o meio externo. Todo esse processo serve para exploração e conhecimento da criança de seu próprio corpo.

Já no estágio sensório motor e projetivo que se dá no segundo ano de vida, a relação com o meio e com o outro muda, conforme DANTAS (apud, BOATO, 2006, p. 91) “Nesse estágio, a criança se dedicará à construção da realidade, pois sua inteligência, tendo obtido certa diferenciação, tornar-se-á o que Wallon chamou de inteligência prática ou das situações”.

Podemos notar que nesse estágio a criança não precisa mais utilizar as emoções como forma de linguagem, como se fazia no estágio predecessor a este.

Nesse momento a criança já começa a ter certa organização dos seus sentimentos. Explora o meio em que vive, pois, suas atividades motoras já começam a dar-lhes certa liberdade de exploração dos espaços em que vive e sua interação com o meio e com o outro.

É notório esse pensamento de Wallon no contexto escolar, pois a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) 9394/96 no Art. 29 diz que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Apesar das primeiras reações afetivas se darem no meio familiar, a escola tem um papel fundamental na construção do conhecimento e no desenvolvimento da criança na sua totalidade, proporcionando-lhe o seu desenvolvimento integral em todos os seus aspectos.

De acordo com a LDB podemos perceber que o papel da escola vai além de somente se preocupar em ensinar a criança os conteúdos básicos. Não que o aspecto intelectual não seja importante, mas, sim com todo o conjunto que ajudará a formar essa criança em um cidadão autônomo, capaz de conviver em sociedade e com suas diferenças, na formação moral entre outras.

O convívio da criança no ambiente escolar faz com que a mesma desenvolva com maior autonomia sua capacidade motora, sua capacidade de conviver em grupo e de socialização, a capacidade de resolver conflitos existentes no meio, mesmo que

seja com a mediação do professor (a), desenvolve sua capacidade de lidar melhor com suas emoções e sentimentos. Além de promover o respeito em relação às diferenças e as adversidades culturais existentes no meio social no qual está inserida.

1.3. O afeto e a educação infantil

As diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, RESOLUÇÃO NCE/CEB nº 5/2009), em seu artigo 4º definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.18).

É nessa socialização com o outro que a criança aprende. A escola contribui ricamente para esses momentos de socialização, vivências e experiências em grupo. Na relação com os docentes e com os colegas, são estabelecidos vínculos que estimulam a aprendizagem. Durante essa vivência escolar, o professor pode observar como o afeto atinge a criança, como ela lida com os sentimentos e as emoções no dia a dia.

O professor é um mediador no processo do desenvolvimento e aprendizagem, a interação entre o educador e educando e as manifestações de afeto são importantes para fortalecimento da confiança, facilitando o ato de aprender.

Na Educação Infantil, as demonstrações de carinho e afeto são facilmente encontradas, geralmente, as crianças pequenas demonstram seus sentimentos com mais facilidade, expressam carinho e amor por pessoas que sintam seguras ao lado delas. O professor não escapa de receber esse carinho, é uma relação de troca.

As influências afetivas que rodeiam as crianças são desenvolvidas nos primeiros anos de sua existência, como afirmado por Wallon (2007), mostrando que o primeiro comportamento psíquico da criança é do tipo afetivo, pois a criança revela, desde as primeiras semanas, uma sensibilidade afetiva.

Corrigir uma criança com carinho faz com que os laços afetivos fiquem cada vez mais fortalecidos. Taille (1992) faz a seguinte afirmativa:

Quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma "energia", portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está a seu serviço (p. 65).

No entanto, a afetividade é um processo intrínseco ao ser humano desenvolvido desde a sua infância através de motivações. A construção do afeto acontece no processo da relação entre pessoas.

Conviver com diversas personalidades em sala de aula é uma tarefa desafiadora, manter a boa convivência no grupo é importante nesse processo. Ajudar as crianças a compreenderem e administrarem os sentimentos e emoções não é tarefa fácil, mas o Pedagogo pode contribuir significativamente.

O desenvolvimento da criança deve ser integral, Wadsworth (1993) posiciona-se dizendo que:

À medida que os aspectos cognitivos se desenvolvem, há um desenvolvimento paralelo da afetividade. Os mecanismos de construção são os mesmos. As crianças assimilam as experiências são esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas. O resultado é o conhecimento. (p.23)

Todas as experiências são válidas, o processo de ensino e aprendizagem é contínuo, e o afeto é importante no contexto escolar e em qual quer outro lugar. A criança reage aos estímulos do meio em que vive, e tendo a escola como uma boa parte da sua vida, se faz um espaço de construção de valores, em que o comportamento está o tempo todo sendo analisado. Vygotsky (2001) ressalta que:

Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse alunado (p.143)

A afetividade deve ser manifestada no ambiente escolar para desenvolvimento de uma boa convivência com todos. Sabemos que há diferentes indivíduos exercendo a profissão de professor, e que cada um tem o seu método e maneira de ministrar uma aula e conduzir uma turma a cada ano letivo, no entanto, na relação professor/aluno, não deve haver a omissão do afeto.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1996, p. 146).

Quando se trata em Educação Infantil, ou até mesmo em outra fase escolar, é impossível não tratar das questões emocionais, o indivíduo é integral, e deve se desenvolver integralmente, nas dimensões físicas, intelectuais e afetivas. Tendo um desenvolvimento por completo.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 1989).

Wallon considera as emoções como primeira ferramenta de interação com o meio, elemento essencial para o desenvolvimento da inteligência.

A criança precisa se sentir segura em qualquer ambiente que esteja e na escola não é diferente. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990 no Art. 53:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - direito de ser respeitado por seus educadores. (Brasil, 1990).

O pleno desenvolvimento trata de um desenvolvimento integral da criança, sendo ele cognitivo, afetivo e emocional. Não tem como separar só o lado cognitivo do ser, se faz necessário uma amplitude completa.

Logo quando a criança passa a frequentar o ambiente escolar, ela vai se deparar com um mundo novo, com diversas possibilidades, com situações novas, e com um leque de oportunidade de promoção do aprendizado. Um mundo onde a socialização com vários envolvidos, fará com que essa criança tenha a oportunidade de uma convivência social enriquecedora, experiências únicas, laços afetivos estabelecidos e o desenvolvimento emocional.

1.4. A afetividade na sala de aula

A afetividade tem a capacidade de modificar o comportamento do sujeito dentro das relações interpessoais, por isso a importância de se buscar desenvolver estudos que visem abranger o desenvolvimento socioemocional da criança. Um período do dia a criança passa na escola, e é na escola que muitas crianças têm a oportunidade de se relacionar com outras pessoas, fora do vínculo familiar. Sendo o pedagogo, o responsável pela articulação e mediação desses momentos de socialização.

A escola deve compreender que a instituição de ensino deve ser a extensão da casa do educando, sem deixar de valorizar os conhecimentos intrínsecos do sujeito. Fornecendo não só conhecimentos conceituais, mas contribuindo para a construção de um sujeito em seus aspectos tanto cognitivos, quanto emocionais. A afetividade deve ser trabalhada desde o nascimento da criança, já que ela é importante para a formação do indivíduo.

Vygotsky (1993) afirma:

[...] quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente (p. 25).

Através da afetividade, pode-se direcionar o aluno nas suas tomadas de decisões, não negando e separando o afeto do pensamento e a construção do conhecimento.

O professor é o mediador de conhecimentos em sala de aula, a maneira como se comporta nesse ambiente, em como resolve os conflitos, suas decisões e como expressa sentimentos, pode servir como um modelo a ser seguido por seus educandos. As manifestações de afeto também podem ser aprendidas nessa relação de troca, entre professor e aluno. Para Luck (2009, p.21):

Os professores são profissionais que influem diretamente na formação dos alunos, a partir de seu desempenho baseado em conhecimentos, habilidades e atitudes e sobretudo por seus horizontes pessoais, profissionais e culturais.

De sua postura diante da vida, dos desafios da educação e das dificuldades do dia a dia depende a qualidade de seu trabalho.

O professor contribui no reforço do comportamento positivo, valorizando seu aluno e adquirindo confiança aonde os laços afetivos sejam fortalecidos, para que se desenvolvam nele habilidades fundamentais, importante para a aquisição de conhecimentos. O afeto influencia o meio social e afeta o cognitivo, Wallon (1989, p. 146) aponta que:

[...] a coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual.

O afeto pode influenciar na cognição, contribuindo ricamente para uma aprendizagem. O professor deve usar o afeto como seu aliado, demonstrando carinho pelos seus educandos. Mantendo a sala de aula tranquila e harmoniosa, com toda certeza será mais fácil lidar com o ensino e a aprendizagem.

Na relação entre os alunos não é diferente no diz respeito ao afeto. Os alunos manifestam seus sentimentos e emoções uns pelos outros de acordo as instruções e a aprendizagens que recebem. Em sala de aula, o professor media essa relação, criando situações para que seja uma relação saudável, respeitosa, de carinho e empatia entre seus alunos.

Não é fácil manter uma boa convivência em sala de aula com tantas crianças e de diferentes personalidades em formação, é quase inevitável o conflito entre os educandos. Por se tratar de crianças tão pequenas, que ainda não reconhecem por muitas vezes o limite e não têm o controle de suas emoções, pode ser exaustiva a tarefa do educar. Segundo Chrispino, (2004) "O conflito faz parte de nossa vida pessoal e está presente nas instituições. É melhor enfrentá-lo com habilidade pessoal do que evitá-lo". O diálogo é uma das melhores maneiras de resolver esses pequenos conflitos entre as crianças.

Mas não é só o conflito que está presente entre os alunos, o afeto e o carinho também são frequentemente manifestados neles. O carisma é facilmente encontrado nas crianças. Demostram carinho uns pelos outros, e isso deve ser valorizado, instigado e reconhecido pelo professor esses momentos.

1.5. O ambiente familiar e escolar: implicações afetivas

Nesse contexto, Chalita (2004) ressalta a importância da instituição familiar e escolar para o processo de desenvolvimento da afetividade, destacando a seguinte questão:

Qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar: em alguns momentos, apenas do incentivo; em outros, de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar, ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola (p.17).

Quando a família participa ativamente desse processo, mostrando interesse na vida escolar da criança, nas brincadeiras que ele participou na escola, permitindo que ela compartilhe tudo que vivenciou nesse espaço, essas atitudes fazem com que a criança sintase segura e mais confiante no meio educacional, outras atitudes como valorizar as produções feitas por elas, fazem com que a criança sintase mais motivada e confiante em desenvolver suas atividades escolares.

Podemos perceber como a participação da família na vida escolar da criança faz toda diferença, uma família presente no processo de aprendizagem resulta, em um desempenho escolar mais proveitoso, tornando essa criança mais confiante na área socioemocional, autônoma e segura em seus posicionamentos.

É de extrema importância que essas duas instituições sejam parceiras no processo de ensino aprendizagem desse indivíduo.

Quando a família coloca toda a responsabilidade da aprendizagem na instituição escolar, possivelmente essa aprendizagem tem grandes chances de fracassar em algumas áreas.

Vasconcellos (1995, p. 22) concorda com o exposto, quando afirma que:

Percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola [...], a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos.

Para que a criança se desenvolva de maneira integral, seja na cognitiva ou emocional, é necessário que a mesma conviva em um ambiente familiar propício, um ambiente familiar inóspito, onde se predomina vários conflitos familiares no qual abale o emocional dessa criança, possivelmente toda essa situação irá refletir no processo ensino aprendizagem dessa criança dentro do ambiente escolar, causando mudanças

comportamentais e emocionais, atrasando e prejudicando sua aprendizagem. Quando a escola e a família são ativas no desenvolvimento das aprendizagens escolar, a chance de da criança de desenvolver melhor é bem maior.

Cubero (1995. p. 253) afirma que:

A escola é junto com a família, a instituição social que maiores repercussões têm para a criança. Tanto nos fins explícitos que persegue expressos no currículo acadêmico, como em outros não planejados, a escola será determinante para o desenvolvimento cognitivo e social da criança e, portanto, para o curso posterior da vida.

A escola também tem o papel importante de trazer a família para dentro do espaço escolar em todos os momentos, não somente em reuniões, mas também da participação efetiva no desenvolvimento de atividades, de maneira colaborativa e prazerosa. Em suas pesquisas, Soares (2010, p. 9) observa que:

A família somente é lembrada pela escola quando há problemas ocasionados pelos(as) alunos(as) no ambiente escolar. Neste sentido, muitos pais acabam se afastando da escola, percebendo esta como um lugar negativo, já que poucas atividades recreativas e prazerosas são oferecidas a eles na escola. A escola deveria ser o ponto central de uma comunidade, um local onde todos pudessem participar e ter acesso.

Dessa forma, a família acaba se afastando do ambiente escolar, podendo ocasionar na criança ao longo da vida escolar, o desinteresse pela escola, a desconfiança nas pessoas da instituição e a insatisfação. Existem competências que são de responsabilidades dos pais, a exemplo, de acompanhar o desempenho escolar da criança e também de acompanhar se o processo de ensino que está sendo promovido pela instituição escolar está de acordo ao que regem as leis. Sobre as atribuições da família, Malavazi (2000, p. 258) expressa sua opinião:

Algumas atribuições são específicas da família que tem o direito de reivindicá-las para si, enquanto outras cabem a escola que, pela sua natureza, poderá ocupar-se melhor delas. Essas transformações sociais ocorridas na família e na escola camuflaram as atribuições específicas de cada uma delas.

Cada uma com o seu papel, com as suas atribuições, família e escola, as duas contribuem tanto positivamente, quanto negativamente. A escola deve estar preparada para receber os alunos, compreendendo o contexto histórico em que está inserida, bem como conhecer quem de fato é o seu alunado. A mesma deve pensar e promover uma educação de qualidade, com compromisso e responsabilidade social. Nesse contexto, Santos (2014, p. 22) explana que:

Quando se pensa em educação, primeiramente são enfatizadas propostas educacionais voltadas para uma educação séria, responsável e com propósitos voltados à participação da família, pois sabe-se que por melhor que seja uma escola e por mais 11742 preparados que sejam sua equipe pedagógica, haverá falhas. Devido a isso é necessário à participação efetiva e constante da família no processo de aprendizagem da criança.

O primeiro contato da criança é no segmento da Educação Infantil, por isso se faz necessário um olhar mais atencioso e preocupado da família em relação ao convívio da criança nesta instituição, pois trata-se de bebês e crianças que estão acostumadas a ter toda atenção, cuidado e carinho no seu ambiente familiar e que agora se encontram num ambiente diferente, com pessoas desconhecidas.

Essa nova convivência nesse espaço pode trazer um pouco de insegurança tanto por parte da família, podendo questionar sobre os cuidados, carinho e atenção que será dado a essa criança por parte de todo o corpo docente, quanto para a criança, que agora terá que conviver e adaptar-se a uma nova realidade com pessoas até então desconhecidas, em um espaço totalmente diferente. Por isso é tão importante essa conexão entre família e escola.

É no ambiente familiar que acontece as primeiras manifestações da afetividade na criança, uma vez que é na base familiar que a criança tem sua primeira vivência e suas primeiras relações afetivas. No entanto, é no ambiente escolar que esse processo é desenvolvido, a educação familiar somada à aprendizagem escolar irá contribuir na formação da criança. Podemos reforçar essa ideia a partir da seguinte afirmativa:

Ao lado da família, a escola assume o papel da educação formal. E se a educação familiar for embasada no afeto e no respeito e a educação formal seguir a mesma linha de equilíbrio e afetividade, facilitando a adaptação de características sociais, formando cidadãos reflexivos, críticos e participativos, provavelmente estará preparando o indivíduo não apenas para o trabalho, mas contribuindo com a sua formação como pessoa, de equilíbrio e preparo para a vida em todos os seus aspectos (LOPES, 2010, p. 16).

É de extrema importância nesse momento que o professor com a ajuda da família, conquiste a criança pelo afeto, criando assim um vínculo com a criança de carinho, respeito e confiança, pois só assim ela se sentirá mais segura para conviver no ambiente e com os demais ali presentes. Assim também deve ser com a família, passar para criança a confiança na escola e no corpo docente que faz parte daquela instituição, demonstrado interesse e participação efetiva na vida escolar da criança.

As relações desenvolvidas entre o professor e um aluno são de extrema importância no processo de aprendizagem da educação infantil. Para muitas crianças, o professor é como se fosse um familiar, se um tio ou uma tia, como popularmente e carinhosamente são conhecidos na educação infantil.

O educador que não apresenta um trabalho afetivo, com emoção, pode causar uma série de efeitos não só aos alunos como a si mesmo. Segundo Lopes (2010), “Prejuízos emocionais, desgaste físico e psicológico pode impactar no processo de ensino aprendizagem das crianças”. Se não há nenhum interesse e nenhuma relação afetiva entre o professor e o aluno, pouca importância a criança manifestará para aprender. Por isso é tão importante que os laços afetivos sejam estreitados entre o professor e o aluno.

2. CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1. Pesquisa de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica

Para o desenvolvimento de uma pesquisa é necessário seguir etapas fundamentais, é um processo de construção do saber, e se dá mediante vários estudos. Diante dessa reflexão, o trabalho da pesquisa traz com o pesquisador uma carga de valores e princípios que o oriente para uma nova visão de mundo tanto no período acadêmico quanto na vida social, e que podemos utilizá-la como professores com formação em Pedagogia em qualquer âmbito de atuação, tornando-a um instrumento de enriquecimento de trabalho.

Este estudo pretendeu investigar a importância da afetividade para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças da educação infantil. A abordagem utilizada foi qualitativa, essa abordagem nos proporcionou investigar os fatos e entender a problemática estudada a partir da compreensão dos autores citados. A abordagem qualitativa é muito utilizada pelos pesquisadores por proporcionar, por exemplo, possibilidades de se estudar os processos sociais em diversos ambientes.

Teve como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa bibliográfica. Para entendermos melhor o que é uma pesquisa bibliográfica, para Gil, (2008, p.50) afirma que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Partes dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

No entanto, foi fundamentado todo o trabalho buscando materiais já existentes na área como: livros e artigos que deram embasamento ao tema proposto. Pois como diz Gil: “Não basta apenas escolher o tema, é necessário verificar se há estudos e matérias disponíveis na área”.

Apesar de ser uma pesquisa bibliográfica foi necessário tomar algumas precauções, Gil, (2008, p.51) faz uma advertência sobre esse tipo de pesquisa.

Muitas vezes as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. Assim, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo a ampliar seus erros. Para reduzir esta possibilidade, convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em

que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente.

Para isso, a importância de se buscar dados bibliográficos seguros, ler e reler com atenção cada material e o conteúdo para não se equivocar nas citações. Por isso as fontes solicitadas neste tipo de pesquisa são principalmente livros e artigos, por serem mais confiáveis em seu conteúdo.

2.2. O contexto da pesquisa: alguns estudos sobre a afetividade

A pesquisa foi contextualizada com base nos estudos de renomados teóricos, dentre eles, destacamos Piaget e Wallon que considera a afetividade como fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

Piaget destaca que para que ocorra a organização do pensamento e aprendizagem, existe o processo de esquemas de assimilação e acomodação, e que esses apresentam duas facetas, sendo uma intelectual e outra afetiva e que elas são indissociáveis e apresentam naturezas distintas, porém, destaca que a afetividade e a cognição são inseparáveis e indissociáveis.

Wallon defende em seus estudos o desenvolvimento da criança de forma integral, ou seja, na forma cognitiva, afetiva, motora e social interligadas nesse processo, dando ênfase as questões afetivas.

O trabalho também foi fundamentado com a lei que rege a educação brasileira LDB (1996), que estabelece que os educadores proporcionem dentre as atividades que desenvolve os aspectos cognitivos, as que contemplem também os aspectos afetivos, além do psicomotor e social das crianças. São de extrema importância as questões afetivas. Fundamentamos também com a BNCC (2017), que explicita de forma clara as competências e habilidades que trabalham questões cognitivas e socioemocionais. Pesquisamos e utilizamos para fundamentar o trabalho, outros trabalhos acadêmicos com temas semelhantes.

2.3. Procedimentos da investigação bibliográfica

Dessa forma, o propósito do presente trabalho foi estruturado numa metodologia que possibilitou dentro do universo de estudos sobre o tema, esclarecer os objetivos e responder aos anseios pedagógicos inerentes à discussão. Para isso foram feitos os seguintes passos:

1 – Levantamento de fontes primárias: artigos sobre o tema escolhido, periódicos, resumo de anais de congressos produzidos no ano de 2019 (tendo como referência o ano em que o estágio foi realizado) além do destaque ao comportamento, emoções dos alunos durante o estágio e fragmentos de falas dos professores nesse contexto.

2 – Fichamento das leituras realizadas e destaque as citações;

3 – Discussão dos conceitos básicos que foram explorados nesse estudo.

4 – Redação do trabalho científico de maneira que possibilitou encontrar respostas ao problema formulado e discutidos os objetivos propostos.

Através dos seguintes procedimentos bibliográficos, ficou claro o entendimento e a qual a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de crianças na Educação Infantil.

2.4. Como os dados foram organizados

Após estudo sistemático sobre o tema e organização dos textos, as discussões foram realizadas a partir das seguintes categorias de análises; afetividade, educação infantil, ensino-aprendizagem, relação professor aluno e relação aluno x aluno. As referências bibliográficas elencadas foram essenciais para esclarecimento da problematização e dos objetivos deste estudo para tornar público informações produzidas pela presente pesquisa.

3. CAPÍTULO III - ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

3.1. A afetividade na educação infantil

Como já bem enfatizado, a Educação Infantil é uma das etapas mais importantes no desenvolvimento do sujeito. Segundo Piaget (2014), a etapa dos dois aos seis anos é uma das fases mais importantes do desenvolvimento humano, pois nela ocorrem inovações radicais na inteligência. É nela que é possível de identificar os primeiros sinais da personalidade, dos gostos individuais e maneira como a pessoa se comporta perante a sociedade. Tudo isso é facilmente percebido dentro do ambiente escolar pelo professor/pedagogo, é ele que tem uma relação direta com a criança, uma convivência diária que faz com que essa relação de troca, seja aprofundado o conhecer entre ambos.

Na criança da Educação Infantil é facilmente a demonstração dos seus interesses, isso porque já é uma coisa dessa fase. Fazem birra quando estão confusos, estressados, choram quando querem algo, abraça quando são elogiados e sentem seguros e uma porção de sentimentos que são apresentados durante o ano letivo. O educador que conquista a confiança da criança e o ajuda em suas dificuldades, fazendo do processo de ensino-aprendizagem um caminho em que as dificuldades podem ser superadas e que esse caminho seja agradável ainda que difícil em determinados momentos, tendo a criança alegria nessa caminhada. Para Snyders (1998, p.20):

Onde há alegria e prazer em aprender já há um passo a mais na conquista do sucesso. Caminhar em direção à apreensão do real, dá mais esperança. Significa que a satisfação gerada pelo aprender, pode e deve reverter-se em ação de mudança. A alegria e a satisfação no aprender, fortalece o aluno, lhe dá mais confiança na vida e em si mesmo.

Logo, a sala de aula deve ser um ambiente acolhedor e afetivo, na busca de uma construção do conhecimento de maneira agradável. É na sala de aula que são oferecidas formas diversificadas de experiências que são fundamentais para construção do conhecimento, o desenvolvimento da linguagem é uma delas, a criança socializa o que sabe e o que aprendeu e o que ainda não conhece sendo esse processo mediado pelo professor.

A afetividade está presente nas pessoas, nas relações familiares, nas relações sociais, são vínculos que são estabelecidos durante a vida, e na escola não é

diferente, se torna cada vez mais evidente essa afetividade, os processos educacionais e as questões emocionais caminham juntos. Sobre as reações emocionais Vygotsky (2003, p. 121) diz que:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam ensinadas e instigadas emocionalmente. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente.

No entanto, cabe ao professor instigar o aluno de maneira afetiva para que a aprendizagem possa ocorrer de maneira significativa, ainda mais se tratando da Educação Infantil, que se trata de crianças pequenas e que necessita de uma atenção maior. O ambiente escolar deve ser um ambiente acolhedor em que o professor usa do afeto para ensinar e assim promover a aprendizagem, deixando de lado o autoritarismo e considerando a criança como um ser de emoções e sentimentos, que sente segura em um ambiente que se sinta querida. Segundo Mahoney (1993, P.68)

A criança, ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São esses relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas potencialidades, isto é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser.

No entanto, há uma grande importância do afeto dentro da sala de aula. Podemos identificar a afetividade no ambiente escolar em várias situações, desde a ajuda que o professor oferece ao aluno em compreender questões emocionais, pessoais, sociais, desde ao simples fato de se preocupar com a aprendizagem de seus alunos, criando possibilidades para o desenvolvimento de competências e habilidades de cada um. Diz Vygotsky (1989):

As potencialidades do indivíduo devem ser levadas em conta durante o processo de ensino-aprendizagem. Isto porque, a partir do contato com uma pessoa mais experiente, as potencialidades do aprendiz são transformadas em situações que ativam nele esquemas processuais cognitivos ou comportamentais, ou de que este convívio produza no indivíduo novas potencialidades, num processo dialético contínuo.

O ensino-aprendizagem e processual, assim também é o emocional na criança. Aos poucos a criança vai aprendendo a lidar com suas emoções, a interpretar e

compreender seus sentimentos. A etapa da Educação Infantil é o momento para o desenvolvimento do intelectual e do emocional, por isso, se faz necessário que não sejam desvalorizadas as questões afetivas e as manifestações de afeto.

3.2. A relevância da afetividade na relação professor/aluno

É de extrema importância destacar a afetividade na relação professor/aluno, para isso, vale salientar algumas discussões que norteiam essa temática tão importante. Para Alves (apud Mello e Rubio, 2013, p.6): “ensinar é um exercício de imortalidade, de alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra, o professor, assim, não morre jamais...”.

É necessário pensarmos a importância da figura do professor na vida escolar do seu aluno. Durante muito tempo o professor foi visto apenas como um transmissor de conteúdo e precisamos desmistificar essa imagem. Hoje sabemos que o papel do professor vai além de ensinar os conteúdos propostos no currículo escolar e que vai muito além dos muros da escola. Para melhor compreensão trago as contribuições de Mello e Rubio (2013, p.7) que diz:

O ato de ensinar e de aprender envolve e exige certa cumplicidade do professor, tal cumplicidade se constrói nas intervenções, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado. Cabe ao professor planejar e executar suas aulas para que seus alunos criem vínculos positivos entre si e os conteúdos. Quando um professor apenas transmite um conteúdo, sem nexos, sem que o aluno assimile afetivamente o conteúdo, nada será aprendido, pois o professor tem de tornar os conteúdos interessantes aos olhos dos alunos. Pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar são, entre tantos outros, necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, que é o “combustível” necessário para a adaptação, a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento da criança. Em se tratando da educação infantil, a relação do professor com os alunos é constante, dá-se o tempo todo, na sala, durante as atividades, no pátio, e por essa proximidade afetiva é que se dá interação com objetos e a construção do conhecimento.

A maneira como esse professor prepara suas aulas, como ele transmite esse conhecimento, a forma que trata seu aluno, o jeito como ele o acolhe nesse ambiente, a maneira de ensinar, o carinho e respeito que é oferecido a esse aluno, faz toda a diferença na sua forma de aprendizagem, os sentimentos como confiança, afeto e respeito acabam surgindo e fazendo parte dessa relação professor/aluno.

Essa relação de afeto e confiança depois de construída, faz com que esse aluno jamais se esqueça desse educador, marcando de maneira significativa a vida desse aluno. Outro ponto a se destacar, é que aos olhos do educando o mesmo será visto não apenas como mais um professor que passou na sua vida, mas como o educador que fez toda a diferença em todo o seu processo de aprendizagem escolar e humano, eternizado em sua memória, e sendo lembrado com carinho, respeito e afeto, empenho e dedicação por toda a sua vida. Não podemos deixar de frisar que essa relação professor/aluno é construída nas pequenas e valiosas ações diárias, como um elogio sobre alguma atividade, ou apenas ouvindo o que esse aluno tem para falar. De acordo com Mello e Rubio (2013, p.9) relata que:

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

É necessário parar de rotular alunos como “bons e ruins”, ao invés de tal atitude, tentar ouvir o que esse aluno tem para falar, sendo profissionais mais empáticos, e buscando compreender o que está se passando na vida desse educando para assim poder ajuda-lo da melhor forma possível, procurando como abrandar os prejuízos na sua aprendizagem, tentando extrair o melhor desse indivíduo.

A sala de aula é um ambiente onde ocorre aprendizagens diversas propiciando o desenvolvimento como resultado das interações. A maneira como o professor interage com seu aluno no ambiente escolar gera confiança do educando, fazendo com que o mesmo sinta-se seguro, acolhido e respeitado. Essa relação de respeito e afeto entre professor/aluno faz com que o discente confie e acredite na sua capacidade de aprendizagem, sempre que o docente demonstra que se importa e valoriza os conhecimentos prévios do educando, sua história, e busca ouvir o que acontece no seu cotidiano, essa relação torna-se concreta e eficiente no seu processo de ensino-aprendizagem.

3.3. As manifestações afetivas dos alunos da educação infantil e suas implicações no processo ensino-aprendizagem

O aluno além de aprender com o professor, ele também aprende com os outros alunos, é o que está referenciado na BNCC:

São as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização. (Brasil, 2017, p 35).

São nesses momentos devidamente planejados pelo professor ou acontece de forma espontânea por parte dos alunos, que acontecem as aprendizagens. O aluno aprender observando, escutando, interagindo e participando desses processos na sala de aula com o professor e também com os outros alunos. As manifestações de afetos na Educação Infantil são facilmente identificadas, isso porque a interação se faz presente nesse ambiente. Segundo Brasil (2017, p.35):

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.

Através dessa interação que ocorre na sala de aula, muitos processos podem ser observados, as relações sociais, as manifestações de afetos entre as crianças e o professor, as emoções e como cada criança lida com elas, as aprendizagens e o ensino que está sendo desenvolvido nesses momentos. A afetividade é muito importante nesses momentos, para Piaget (1994, p. 129):

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é condição necessária para a constituição da inteligência.

No entanto, para o autor o afeto é muito importante no processo de ensino-aprendizagem, pois é condição para que ocorra a inteligência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os estudos feitos com a finalidade de fundamentar os objetivos desta pesquisa foram essenciais para refletirmos sobre qual é a importância do afeto na Educação Infantil e para a consolidação dos processos de ensino e aprendizagem. Através das pesquisas bibliográficas, estudamos e conhecemos mais sobre a temática, destacamos as contribuições dos renomados autores Piaget e Wallon, que foram muito importantes para fundamentar e justificar a importância do afeto para o ensino e a aprendizagem.

A afetividade no ambiente escolar, assim como no ambiente familiar é fundamental para o fortalecimento dos vínculos afetivos entre as pessoas. A criança precisa se sentir querida, importante e respeitada na sua singularidade. A afetividade proporciona na criança a confiança, a quebra dos medos e ajuda na sua autonomia e autoestima. Os estudos revelam que desde o nascimento do sujeito, a afetividade se faz presente, e por meio dela, os processos de ensino e aprendizagem são concretizados.

Para consolidação do ofício docente é necessário que os acadêmicos de pedagogia valorizem a busca contínua por conhecimentos, principalmente em se tratando da Educação Infantil, uma modalidade educacional que requer total dedicação, compromisso e estudo do professor para o trabalho com crianças. Nesse sentido, a afetividade também precisa ser pensada durante a trajetória de formação, para que as práticas pedagógicas aconteçam de maneira humanizadas e conscientes.

Acerca dos problemas evidenciados nesse estudo, acreditamos que o professor da educação infantil deverá se preparar para lidar com as dificuldades que podem surgir da relação com as crianças em sala de aula, buscando construir relacionamentos mais estreitos, saudáveis e respeitosos em cada momentos do desenvolvimento infantil.

Assim como a importância do afeto na sala de aula, é indispensável que o professor compreenda a afetividade como parte do processo de ensino-aprendizagem, que na relação estabelecida entre ele e o aluno, os vínculos afetivos sejam fortalecidos através do cuidado e do respeito.

Portanto, a realização desta pesquisa nos possibilitou enquanto pesquisadoras conhecer um pouco mais sobre o afeto e o quanto ele é importante não somente na Educação Infantil, mas em toda trajetória escolar do sujeito.

Durante o período de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, enfrentamos algumas dificuldades das quais gostaríamos de destacar: a paralização de vários setores por causa de uma pandemia. Com isso, a pesquisa foi interrompida, e ao retornar os estudos, o formato das aulas precisou ser modificado e a passou a ser totalmente on-line. Foi então que precisamos nos adaptar a esse novo modelo de ensino e tratar das questões da pesquisa com total distanciamento social. Com a impossibilidade de realizar a pesquisa do tipo de campo, foi necessário mudar para a pesquisa bibliográfica. Também ficamos impossibilitadas de nos encontrar com a professora orientadora da pesquisa e com a parceira do trabalho.

Por fim, espera-se, que o presente trabalho contribua para outros estudos e trabalhos científicos na área, incentivado assim outros pesquisadores a darem continuidade, pois compreende-se que essa temática não se dá por acabada, visto que durante a finalização deste estudo, nos deparamos com a tal situação histórica já mencionada, em que vários segmentos tiveram seus processos interrompidos, e com a escola não está sendo diferente.

No entanto, sugerimos aos futuros pesquisadores que aprofunde estudos sobre como a escola procedeu/precederá para o acontecimento das relações sociais afetivas no ambiente escolar tendo que haver o distanciamento social exigido para segurança de todos e quais foram às mudanças após o período pandêmico dentro das instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

ASSMAM, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.

BATTRO, Antonio M. **O pensamento de Jean Piaget**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

BOATO, Elvio Marcos. **Introdução à Educação Psicomotora: A vez e a voz do corpo na escola**. Brasília: 2º ed. Hildebrando Editor e Autores Associados, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC 2ª versão. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

CASTRO, Rosi Terezinha. **A afetividade e o desenvolvimento da aprendizagem**. RS, 2007.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Ed. Gente, 2001, 1º edição, 2004.

CHRISPINO, A. **Mediação de conflitos**: cabe à escola tornar-se competente para promover transformações. Revista do Professor, Porto Alegre, ano 20, n. 79, p. 45-48, jul./set. 2004.

COSTA, Marco Antonio; COSTA, Maria de Fátima Barrozo. **Projeto de pesquisa: Entenda e faça**. 3º ed. São Paulo: Vozes, 2011.

CUBERO, R. **Relações sociais nos anos escolares: família, escola, companheiros**. In; COLL, C. Desenvolvimento psicológico e educação. V. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DOURADO, Josiane Rodrigues. **Breve histórico da educação infantil**. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/breve-historico-da-educacao-infantil/2012>>. Acesso em: 27 de março. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes acesso em: 11 de abril de 2021.

FRUHLING, ALAN, et al. O pedagogo e a educação infantil: limites, desafios e possibilidades. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wI3JmIlgR85QJ:www.unio>>

este.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/Simp%25C3%25B3sio%2520Academico%25202007/Trabalhos%2520Completos/Pratica/PDF/Elenita.pdf+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 27 março 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa - ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Brasil: objetiva, 2001.

Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990

LIBÂNEO. José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2004.

LOTT, F. M. N. **Como ser pedagogo no século XXI: sua importância em nossas vidas**. 2012. In: Educação, docência e gestão: a pedagogia em debate (Semana da Pedagogia). Disponível em: http://portal.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20120521205153.pdf acesso em: 24 de abril de 2021.

LOPES, Honorina Conceição Rozendo. **A importância da afetividade na educação infantil: Trabalho de conclusão de curso**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Três Cachoeiras – RS. 2010.

LUCK, Heloísa. **Gestão educacional: uma pesquisa paradigmática**. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MALAVAZI, M. M. S. **Os pais e a vida escolar dos filhos**. 2000. 320 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MELLO, Tagides, RUBIO, Juliana de A. S. **A importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil**-Revista Eletrônica Saberes da Educação –Volume 4 – nº1 - 2013 Disponível em: <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf> acesso em 01/05/2021.

Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

PIAGET, Jean. **O desenvolvimento mental da criança**. 24° ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

SANTOS, C. **A influência do vínculo afetivo na prática pedagógica da Educação Especial**. 2014. 61 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014.

SOARES, Adriana Fraga. **A participação da família no processo ensino-aprendizagem**. Alvorada, 2010.

SOUZA, Teresinha; Soares, Hellen. **A afetividade na educação infantil**. Revista Científica Online, MG, v11, n1, p. 1-13, 2019.

SILVA, Aylla Monise. **A importância da afetividade no contexto educacional**. Educere, Macapá, p. 6064-6073, 2019.

TAILLE, Yves de La; Oliveira, Martha Kohl de; Dantas, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

VASCONCELOS, Mário Sérgio, **A afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. Educ. Soc., Campinas, vol.25, maio/agosto, 2004.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 2. Ed. – São Paulo: Pioneira, 1992.

WALLON, Henri. **Origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manoele, 1989.
_____. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.